

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — DEZEMBRO DE 1873 — N.º 12

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL. —

1 8 7 3

RECEIVED

DEPARTMENT OF THE ARMY

OFFICE

DEPARTMENT OF THE ARMY

DEPARTMENT OF THE ARMY

DEPARTMENT OF THE ARMY

ANTONIO FERREIRA NEVES

Entre os poucos moços que em 1868 fundarão o *Parthenon Litterario*, contava-se Antonio Ferreira Neves. Cheio de crenças alistou-se na phalange que desfraldava a bandeira do trabalho na republica das lettras.

Animado por nobres impulsos não vascillou ante os mil obices que se nos antolhavão; nem as syrtes da jornada, nem a indifferença e o escarneo poderão sopear-lhe o animo e o coração.

Companheiro resolutu e temerario, entregou-se com afanoso empenho na luta que iamós ferir; cada pulsação de sua alma era um alvoroço, uma aurora de esperanças, um estremecimento pela causa santa que haviamós abraçado, timidós e modestós operarios da grande officina das idéas.

Desde logo a palavra do joven rio-grandense fez-se ouvir; ao principio vacillante e acanhada como quem ensaia os primeiros passos n'uma senda não trilhada; mas pouco a pouco o remigio da avesinha alongou-se, e Ferreira Neves denunciava um talento de futuro.

Em quasi todas as theses que então se discutirão, tomou elle parte activa nos debates; sua voz sympathica e insinuante era ouvida com geral applauso.

No fim de alguns mezes Ferreira Neves disse adeus aos companheiros e amigos e foi concluir os preparatorios na côrte. Com intimo pezar vio o *Parthenon* desaparecer de suas salas um de seus mais bellos ornamentós; mas assim era preciso, Ferreira Neves destinava-se á carreira da magistratura e teve de desligar-se do berço natal, onde deixava tambem uma mãe desvelada e uma irmã carinhosa.

Fatal momento da despedida ! Mal sabião elles — mãe e filho, que aquelle adeus era uma separação eterna, as lagrimas sem conforto de quem se aparta para sempre do que ha de mais caro e santo na vida !

II

São as primeiras harmonias do poeta como as preces da infancia, que uma mãe nos ensina ao toque d'Ave-Marias.

A infancia óra pelos labios d'essa mulher sublime que nos deu o ser ; o poeta canta na harpa immensa da natureza pelos labios dos anjos e escreve nas paginas do coração os poemas dos quinze annos.

Ferreira Neves era tambem poeta, amou Deus e a natureza ; a mulher e as flores.

Seus versos tinham a suavidade e o perfume das noites de luar ; suas estrophes desabrochavão como as boninas silvestres ao bafo da primavera.

Cantou como cantão as aves ao romper das madrugadas, festivas gorgeios, ternissimos módulos, que se espargem no ambiente e sôbem até ao seio de Deus.

Quem sabe o que valem esses idilios dos primeiros annos — « poesia loura e ingenua » — tão pura como o orvalho, tão vi-vida como um raio do sol, santa como as lagrimas da virgem, intima como uma supplica no mar ?

Dulcias rumorejadas pelo amor nos jardins da mocidade e que o ruido mundano abafa e suffoca ; flores que vicejão no sacrario do peito e fenecem depois ao contacto do egoismo.

Em S. Paulo, Ferreira Neves conquistou uma reputação legitimada pela contracção ao estudo, pelos progressos de seu talento infatigavel.

Alma vazada no grande molde do futuro, sentia as aspirações do seculo ; sua penna fluente, palpitando de entusiasmo traduzia os impulsos nobres de quem caminha cheio de fé.

Era um dos collaboradores da *Prensa*, onde deixou paginas brilhantes de sua intelligencia.

Penetremos agora por um momento no lar do nosso inditoso amigo, onde as saudades e as lagrimas se transmudão em sorrisos e flores.

E' o preparativo para a recepção ; o filho querido é esperado ; o

alvorço, como uma scintilla electrica, agita os corações, desde a mãe até o ultimo famulo da casa.

Um filho que se espera nos braços após longos annos de incertezas é um jubilo, uma ventura que não se descreve.

O sol das alegrias doira as madeixas brancas da pobre mãe, que parece vêr, a cada instante entrar por ali a dentro o thesouro de seus encantos.

As janellas por tanto tempo fechadas, abrem-se de par em par; o oratorio illumina-se, as jarras de flores, as luzes, a musica, tudo emfim quer dizer que se prepara uma festa, que um filho está para chegar.

Ai! cruel desengano, dolorosa decepção!

A penultima carta era uma esperança; já a ultima é uma dôr sem igual!

E a infortunada mãe, louca, inanida pelo desespero, ajoelha-se ante um tumulo, em vez de estreitar ao seio o thesouro idolatrado.

Como Affonso Marques, Ferreira Neves alou-se ás regiões do Senhor, na estação sorridente dos enganos, na quadra festiva das primaveras.

Mas não és tu só, boa mãe, que te prosternas sobre uma lapide preciosa, vertendo o pranto das agonias inconsolaveis, sem balsemo na terra; a patria tambem chora, o Rio Grande tambem está de luto.

Dorme, ó pallido sonhador; as auras do berço natal hão de ciciar nas ramas do teu cypreste a endecha das saudades eternas.

Dorme, cysne do Gualhyba; se não tiveste o regaço de tua irmã para encostar a fronté na hora derradeira, deu-te Deus uma cruz lá n'essa terra da liberdade!

Dorme.

No céo ha mais uma estrella, na terra uma esperança de menos!

H. RIBEIRO.

Porto Alegre — 1873.

GEORGINA †

(ROMANCE)

X

UM PEDIDO BEM ACOLHIDO

No dia seguinte, quando á hora do almoço a familia reunio-se na varanda, cada physionomia traduzia uma emoção diversa; emoções ignoradas pelo velho Magalhães, unico que não mudára no meio d'essa metamorphose, porque tinhamo passado tres das pessoas que sentavão-se á mesa.

Nada d'isso escapou a Magalhães que fez diversas observações, mostrando-se no emtanto satisfeito com as explicações, que desfizerão seus receios.

Não julgue ninguem, que os temores do velho fossem outros que não podessem alliar-se com seus generosos sentimentos; sua alma despida das miserias d'este mundo só abrigava nobres intenções.

Magalhães fôra o primeiro a entrar na varanda ainda deserta; não encontrando ninguem, sentou-se e aguardou a familia.

O primeiro que appareceu foi Julio, no qual o ancião julgou encontrar certo constrangimento que contrastava com a jovialidade do costume. Em seguida veio Georgina, não a mesma moça do dia anterior repleta de sorrisos, cheia d'esses perfumes que a mocidade feliz deixa cahir em sua passagem; era outra, toda

coberta de timidez e receio. Apoz Georgina chegára Leoncio, pallido como o lirio do val atufado pelas ardentias do sol, mudo qual estatua da dôr em face do tumulo de uma illusão desfeita.

Mas, se na pallidez do rosto, sua natureza humana mostrava fraquear ferida pelas rajadas do vendaval da sorte, sua alma sobranceira aos embates do infortunio, sahia incólume e grande d'essa luta terrível.

E a fonte de todas as emoções d'essas creaturas era a mesma, era a historia de um triplice amor com differentes destinos

Era mais do que isso, era um amor primitivo para cada um dos protogonistas e um horisonte novo no céu d'essa mocidade em botão.

Julio com seus vinte e sete annos é que sentia pela primeira vez a harpa eolia dos sentimentos desferir harmonias até então desconhecidas.

Aos vinte e sete annos é que ouvia o primeiro toque de alvorada de um amor casto, não porque tivesse fugido ás mulheres, mas porque n'essa idade é que começava a comprehendel-as.

Em sua existência, só duas imagens de mulher tinham-se gravado em sua memoria : uma vira elle na sua infancia, outra conheceu-a no dia em que expirada a adolescencia, trilhou a vasta estrada da juventude.

A primeira era uma recordação do passado de menino, a lembrança sempre doce de mãe, sublime mundo de affectos, bebido no berço com effusão desde o primeiro lampejo de existencia, imagem santa que ao pé do berço é sempre o anjo da guarda da criança adormecida e que na mocidade seu vasto seio é a sombra hospitaleira que aninha a fronte suarenta do martyr abatido pela adversidade.

Essa imagem de mulher pouco acompanhára Julio em sua vida, porque ainda criança roubou-lhe o tufão da morte em sua passagem devastadora. Quando o menino deu acordo de si e buscou soffrego o regaço materno, só encontrou as dobras de um sudario envolvendo um corpo sem vida.

Era orphão e com sua mãe tambem tinha morrido o seu primeiro ideal de mulher.

Correrão annos e esses longe da familia . . .

Quando o fogo da mocidade gallopou-lhe nas veias, Julio arrastou-se apoz as inspirações dictadas por sua natureza ardente e sequiosa. A febre dos desejos recém-chegada com a idade e as

paixões humanas até ali adormecidas no adolescente, accordarão se febricitantes no homem inexperiente e que afastado do lar não tinha ao menos recebido as lições proficuas do livro da familia.

Sem ninguem para deter os loucos desvarios, sem um amigo para dirigir seus primeiros passos, o moço guiou-se por si mesmo sem ter outros conselheiros que não fossem sua ignorancia do mundo e inexperiencia dos homens.

Foi ahí no meio de suas correrias no mundo dos prazeres e das paixões sensuaes, que encontrou o segundo perfil de mulher, a quem tributou adoração immensa.

A lembrança da mulher-mãi voou apagada não só pelo tempo como pelos carinhos doados pela mulher cortezã.

Foi o seu segundo ideal. . .

E por elle Julio olvidou as recordações do amor puro e casto da violeta, do amor materno, para só viver d'esse que a *camelia* vende no lupanar a quem mais lhe paga.

Desde então sua vida inverteu as leis da natureza e trocou os costumes antigos por novos habitos. As noites erão passadas nas orgias dos lupanares, onde o champanhe fervia espumante nos copos de crystal; e sua fronte adormecia entre os seios ardentes da Phryné semi-nua, cahida no divan, ébria de alcool e de gozo.

Era o espasmo dos sentidos e o delirio do espirito atufado, de dois corpos boiando no mar das volupias.

Annos e annos voarão assim n'essa vida em que o corpo esmagava o coração e o gozo aniquilava a consciencia.

Foi na ilha que Julio, qual novo Lazaro, sentio purificar-se ao contacto de uma mão divina. A mão de uma criança purificou a materia e a alma remio-se ante a palavra inspirada brotada á flor dos labios de um anjo. Era pois esse amor o primeiro que sentira em sua vida, porque esse era mais do espirito do que dos sentidos.

E o Messias d'essa religião fôra Georgina, a quem o moço tinha inspirado um affecto igual ao que sentia por ella.

E a afeição nascida no coração da joven tambem era a primitiva, toda recendente de castidade e pureza.

Jamais homem algum tinha-lhe tocado essa fibra delicada do coração femenino, fonte de perennes gozos, que só o labio fadado pelo destino, faz jorrar catadupas de luz e amor.

Georgina como a flor do ermo tinha vivido descuidosa na solidão, até que a phalena louca de amor em seu vôo vertiginoso e sedento veio rendida bater as azas de oiro junto ao hastil da pudica filhinha do vergel, balouçada por meiga brisa, esvoejando á sombra de um céu azul; não tinha ella um passado cheio de conquistas, só possuia um presente de sorrisos e sonhos, que era — Julio.

Amava e era amada, julgava-se feliz, eis toda a sua historia...

Traçamos o capitulo dos amores, não podemos deixar no silencio a figura pallida de Leoncio com a fronte sombreada pela insomnia e o espirito esmagado pelo desalento.

Ha fronteas que vêm ao mundo cingidas com uma coroa de espinhos, almas que nascem respirando vitalidade em uma atmospheria de tumulos e corações fadados desde o berço a serem urnas funerarias.

Leoncio é uma d'essas naturezas que trazem consigo a missão desventurada de arrastarem uma existencia ligada a um fardario de martyr.

Tal é o perfil do inditoso moço que destaca-se cheio de sympathy no painel que esboçamos.

Eis uma causa que o mundo não vê e a sociedade não condemna.

Ali passa um homem coberto de *laureas*, que muitas vezes não conta como as ganhou, cheio de respeito, encontrando faceis todos os caminhos que sua ambição almeja e que uma sociedade venal não ouza recusar-lhe.

Tudo alcança sem trabalho e esse homem feliz que o mundo venera, se sondarem-lhe o coração, hão de achal-o mudo e sornuto e se encontrarem-lhe alma, essa será gelida como o marmore.

Cremos sinceramente, ha mysterios que não se explicão.

Entre os muitos que temos encontrado, um sobretudo tem-nos despertado a attenção.

Porque será que o homem de merito quasi sempre vive em continua luta com a natureza, as paixões infelizes e seus proprios semelhantes? Porque será que qualquer aspiração sua tópa com mil obices e o simples anhelio naufraga n'um mar de difficuldades?

Eis o que não podemos explicar, no emtanto mais de um espirito observador que acompanha a marcha de nossa sociedade, estudando-a em suas variadas phases, tambem como nós ficará mudo ante semelhante objecção.

Porque Leoncio com uma alma elevada, derramando em borbotões nobres homenagens aos pés de Georgina, foi por esta preferido Julio, com menos titulos á sua affeição?

E' que o coração femenino tambem tem seus arcanos insondaveis.

Taes erão as phases porque passavão parte dos hospedes da ilha; só Leoncio, que soffria no silencio, era o unico infeliz, porque descia o Calvario com pezada cruz; emquanto Julio galgava os

degrãos da escada do sonho de Jacob, e Georgina acordada adormecia no mar de mil scismas venturosas.

.....
.....
.....

Quinze dias depois d'estes acontecimentos Julio de Aguiar pedia verbalmente á Magalhães a mão de Georgina.

O velho ainda que sorpreso não estranhou o pedido ; mas não quiz responder sem consultar a opinião da filha.

A leitora bastante entendida na materia já sabe de antemão qual a resposta dada por Georgina, o que faz nos julgar desnecessario reproduzir aqui aquillo que não pôde escapar á perspicacia de uma intelligencia femenina.

XI

UMA VIAGEM IMPREVISTA

Tem por fim este capitulo narrar os factos decorridos no longo periodo de quatro mezes, epocha que separa o capitulo precedente, d'esta que encetamos agora.

Julio e Georgina ainda não realizarão a aspiração mais desejada por suas almas apaixonadas, e seja dito de passagem em abono de ambos, que o desideratum da questão não tem dependido da falta de seus bons desejos.

Julio depois do consentimento de Magalhães, participára á seu pai o estado de seu coração e ao mesmo tempo que prevenia-o, reclamava sua approvação paterna em favor do acto que ia entrar as duas famílias, não só pelos laços de amizade como tambem pelos do parentesco.

Luiz de Aguiar recebeu com jubilo uma noticia, que encara da por qualquer lado, harmonisava-se de boa vontade com os castellos que sua cabeça de pai sonhára em beneficio do filho.

Comtudo não deixou de meditar profundamente sobre o assumpto que requeria o seu beneplacito ; melhor do que ninguem conhecia o character de Julio e no seio de sua alegria receiava fitar algumas sombras empanando o brilho do céu luminoso, que protegia com seu manto de luz o poema de amor desbrochado no lar tranquillo de seu amigo.

E' desnecessario dizermos que, no meio do labutar de sua razão, nenhum pensamento máo foi formulado em desfavor do conceito feito sobre Georgina ; outro tanto não podia dizer sua consciencia em relação á Julio.

Na balança de seu julgamento intimo Luiz vira o fiel tenazmente conspirado contra o seu unico filho.

Os precedentes do moço na sua opinião, não promettião bons resultados d'esta união, e seu genio extravagante e voluvel erão as sombras que ennuviavão o céu de tantos sonhos lindos.

Luiz de Aguiar meditára bastante sobre o casamento, e por experiencia sabia que collocar sua autoridade paterna como obice n'um caso d'estes, era expôl-a a ser desrespeitada ; outrosim de vez em quando entre o mar agitado de receios e duvidas, a esperança, essa providencia do homem na terra apresentava á sua imaginação um d'esses paineis que só a familia sabe criar ; em face d'elle o velho sentia-se fascinado.

Um turbilhão de ideias, provocadas pela resolução do filho, revolucionavão o cerebro de Aguiar : uma finalmente prevaleceu sobre todas.

Vir á capital assistir ao consorcio projectado, foi um pensamento fixo que tratou de pôr em pratica.

Assim foi que accusando a recepção da carta de Julio e felicitando-o pela sua boa escolha, manifestava ao mesmo tempo o desejo de assistir ao casamento projectado, pedindo para isso uma demora de dois mezes, tempo necessario para dar aos seus negocios uma direcção que tornasse pouco sensivel a sua auzencia longe d'elles.

Esse pedido foi acolhido com jubilo, porque a demora trazia a doce compensação de n'um dos grandes festins do lar, reunir sob o mesmo tecto as duas familias que em breve devião enlaçar-se n'uma sociedade abençoada.

A anciedade dos noivos corria á sombra de uma suave expectativa, emquanto Magalhães affagava entre sorrisos a esperança de rever o seu velho amigo de tantos annos.

Angelica toda atarefada com os encargos do enxoval via o tempo fugir com a ligeireza de uma andorinha.

Leoncio era impenetravel, só elle e Deus é que devassavão os arcanos mysteriosos de seu coração ; nem uma palavra, nem um gesto sequer proferio que podesse trahir a serenidade reverberada em sua physionomia sympathica.

Tal era o estado em que se achavão as grandes questões suscitadas na ilha, onde parecia nascer a felicidade em profusão.

No emtanto as circumstancias vão provar mais uma vez que essa felicidade apparente não é mais que suffocadora calma, encerrando no sacrario de seu seio terrivel tempestade.

O raio não devia tardar . . . e cahio ante todos extacticos.

Findo o tempo designado, o vapor que devia trazer do sul o velho Aguiar, trouxe apenas uma carta para Julio, que nem era da lavra paterna.

Ao recebê-la, a anciedade estampada na face de todos demonstrára a gravidade do caso. Julio ao lê-la empallideceu e todo agitado passou-a ás mãos de Magalhães.

A commoção tornou-se contagiosa, porque a fronte do velho traduzio impressões incompatíveis com as de um espirito tranquillo.

Georgina espectadora d'esta scena rapida e até então estupefacta ante as tranzições porque havião passado seu pai e noivo, inspirada por uma idéa subita corre para o primeiro perguntando toda tremula e balbuciante :

— O que ha meu pai!?! . . . que desgraça annuncia a pallidez de seu rosto?

— Que Julio tem necessidade imperiosa de partir amanhã para o Rio Grande, respondeu o velho com a voz abalada pela funda emoção.

— Partir!?! exclamou a moça recuando, ao mesmo tempo que com os olhos interrogava alternativamente as testemunhas d'esta scena.

— Sim, Georgina, Julio vai cumprir junto de seu pai moribundo o dever de todo o filho virtuoso, e depois . . . virá satisfazer o compromisso de honra que o liga a ti e a nós.

Georgina abraçou-se ao velho debulhada em lagrimas, dir-se-hia a debil e mimosa creciuma abrigando-se junto ao annoso angico, emquanto o audaz pampeiro imperioso redemoinha na coma da floresta,

Julio de pé, com a fronte aureolada de pallor, tinha a insensibilidade de uma estatua.

A carta fatal que despertára tantas emoções, annunciava que Luiz de Aguiar em vespéras de partir fôra accommettido repentinamente por uma molestia grave que inspirava serios temores. O velho sem esperanças pedia a presença do filho para entregar-lhe seu ultimo suspiro.

Ha pedidos que são ordens, impondo uma obediencia passiva e muda : este é um dos muitos que na vida se encontram.

E não havia só isto no quadro que acabamos de traçar, as alegrias abençoadas de á pouco, repousarão veladas por um sudario de lagrimas e a felicidade co-irmã da alegria morria trucidada pelo gume da fatalidade.

Assim no mundo em que vivemos tudo é transitorio . . .

Georgina, muda de dôr, contemplava sem poder impedir, o obumbrar da estrella d'alva de seus amores, escurecida pelo cre-

pe funerario de um horisonte tempestuoso. Erão as flores de suas esperanças que desfolhavaõ-se crestadas pelos raios da adversidade. como a flor de neve dos Andes morre esvaecida ao contacto do primeiro raio do sol, rompendo o manto de caligens de um céu nevoento.

Tudo é assim na vida, a felicidade passa rapida como a torrente de caudaloso rio, de si só deixa um signal: — é a recordação do que foi.

.....

No dia seguinte Julio partio...

Continúa.

APELLES P. A.

JOSÉ DE ALENCAR

(ESTUDO BIOGRAPHICO)

VI

O autor do *Guarany* e *Iracéna* nasceu na provincia do Ceará a 1 de Maio de 1829. ¹ Foi seu illustre progenitor o padre José Martiniano de Alencar, cujo nome se acha ligado aos movimentos que troucerão a emancipação politica do paiz; pois representára sua patria na constituinte portugueza, fôra um dos martyres da revolução de 1817, e depois de 1822 occupára com distincção a tribuna brazileira na camara e no senado.

O filho seguiu pela senda gloriosa ainda illuminada dos triumphos paternos. Criança e já a gloria descortinava a seus olhos dilatados horisontes, o estudo o attrahia, a patria lhe fallava ao coração.

Em 1846 matriculou-se no curso juridico de S. Paulo, contando apenas 17 annos, depois de ter completado os preparatorios nos collegios Januario Matheus Ferreira e Pedro Segundo, are-

¹ As informações e apontamentos que ahi vão n'essa mal esboçada biographia são extrahidas em sua maxima parte do: « Monitor Sul Mineiro », artigo sob o titulo: « O conselheiro José de Alencar » (Notas biographicas); do: « Archivo contemporaneo », periodico illustrado da cõrte, anno I — n.º 10 — 30 de Janeiro de 1873 — no artigo sob o titulo: « José de Alencar e Machado de Assis »; do: « Archivo Pittoresco », anno IX — 1866 — n.º 31, pag. 244, 245 e 246 e n.º 42 — pag. 330, 331 e 332, art. sob o titulo: « José de Alencar » por Innocencio Francisco da Silva.

nas, em que o talento que futuramente devia desabrochar com tanto brilho já denunciava-se em seus primeiros adegos.

Em S. Paulo entre os graves estudos de jurisprudencia, o eldorado das lettras lhe acenava de longe, o seduzia com os palmares verdejantes e os racimos de oiro. Ahi, ao doce múrmur da onda do Tamanduatihy e Tieté, aos perfumes das varzeas de Piratininga, ante a magestade dos sêrros sobranceiros do Cubatão, elle, alma de artista, não resistia aos encantos da scena, e entregava-se á ebriez da natureza americana, aos arroubos da phantasia escaldada ao sol dos trópicos.

Foi sob tal influencia que elle e mais alguns collegas dedicados ás lettras fundarão em 1848 a revista mensal: *Ensaios Litterarios*. A introdução, um estudo biographico sobre o indio Camarão, um artigo sobre as qualidades do estylo, etc., forão os timidos balbuciamientos de sua penna que vierão á tela da publicidade. N'este mesmo anno partio para Olinda, onde em 1850 obteve a formatura. Eis o primeiro periodo do grande romancista, a phase escolastica de sua vida. A vocação irresistivel preludia, esboça o justamente applaudido escriptor da actualidade.

VII

Apenas formado, foi estabelecer-se no Rio de Janeiro, nucleo, onde sua intelligencia encontraria campo vasto para desenvolver-se. Abrio escriptorio de advocacia e logo depois foi nomeado lente de direito mercantil do Instituto Commercial da côrte. Porém, apesar das difficuldades e labores do fôro e do magisterio, os poucos lazeres que lhe sobravão, os empregava elle no cultivo das lettras.

A litteratura entre nós constitue uma serie de sacrificios, é o resultado de horas furtadas ao somno e ao descanso, e portanto á vida; ó uma missão que, se tem lindas flores, não tem menos espinhos. Todas as coroas colhidas, fazem sangrar a fronte dos bravos lidadores. Talvez a essa dedicação de todos os dias, a esse ardor incessante para o trabalho, á perda de seiva em tantas noites de vigílias, deva José de Alencar o estado valetudinario que o enfraqueceu na aurora da existencia, e cedo ha de arrojalo á eternidade.

O Brazil, se conta uma litteratura quasi em parallelo com a dos Estados-Unidos. tambem pôde dizer que conta um martyrologio glorioso. E' raro o anno em que o obituario não recebe alguns nomes que começãõ a brilhar no mundo da arte e das let-

tras, e serião, sem a implacavel foice da morte ceifal-os, motivo de legitimo orgulho para o paiz.

De 1851 a 1855 José de Alencar foi collaborador do *Correio Mercantil*. Foi seu trabalho n'este jornal os artigos que escreveu a proposito da reforma hypothecaria projectada em 1854, e que trazião por assignatura a sigla *Al*. No mez de Setembro d'este mesmo anno começou elle a escrever os folhetins hebdomadarios que intitolou: *Ao correr da penna*, revistas, onde emittia suas opiniões sobre os acontecimentos da semana, com o estylo fluente, o chiste e até o desalinho elegante que reclama semelhante genero litterario. Em taes producções, fructos fugitivos de sua intelligencia, não ficou aquem de Octaviano e Souza Ferreira, que então distinguão-se.

Ao mesmo tempo collaborou no *Jornal do Commercio*, publicando varios trabalhos de critica litteraria, sobresahindo entre outros os estudos sobre o grande pregador brasileiro Mont'Alverne, Thalberg e a tragedia de Othelo.

Em Outubro de 1855 assumio a redacção em chefe do *Diario do Rio*. Foi este um dos periodos mais esplendidos do decano da imprensa brasileira. ² Collaborou-o até 20 de Julho de 1858.

Em suas columnas em 1856 forão insertas as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, hoje invocadas pela critica como argumento para a apreciação de seus romances. ³

A respeito diz Feliz Ferreira :

« José de Alencar encetou a sua carreira nas lettras sem recommendações de amigos, nem apresentações officiosas; começou por onde muitos mal acabão, emergio seu nome das sombras da obscuridade, apresentando-se o unico em divergencia com o nucleo dos maiores litteratos do tempo, que aclamão a *Confederação dos Tamoyos* como uma esplendida epopeia, e que elle, quasi desconhecido redactor do *Diario do Rio*, taxou de mediocre poema-romance. »

Somos os primeiros a admittir que ha algumas verdades n'estas cartas, porém, n'ellas vemos sobretudo as demazias d'uma severidade que attinge as raias de clamorosa injustiça. Não era por certo de esperar que José de Alencar, com experiencia propria sobre as difficuldades do mister de escriptor, fosse tão exigente para um seu companheiro nas lides litterarias.

² Fundado em 1820.

³ Cartas de Sempronio a Cincinnato, segunda edição, pag. 134.

Não concordamos senão parcialmente com o juizo exarado em suas oito cartas, e muito parcialmente. D'outro modo teriamos de admittir, para haver coherencia, a rigorosissima apreciação de Sempronio sobre o *Gaúcho* e *Iracêma*.

Em 1856 ainda publicou elle no *Diario do Rio* um trabalho sobre o marquez de Paraná que fallecera ha pouco. A tiragem feita á parte produziu um opusculo de 25 paginas em formato 16.º

VIII

Em 1857 sahio á luz o *Guarany*. Ao principio era folhetim no *Diario do Rio*, e posteriormente em quatro pequenos tomos de 8.º menor. Foi reimpresso em Paris em 1865 reduzido a dois volumes de 8.º grande, edição correcta pelo autor.

O *Guarany*, onde José de Alencar se apraz no desenho do indigena brasileiro, foi sua estreia no dominio do romance, e a primeira pedra para o solido pedestal de sua reputação. A acção teve lugar nos fins do seculo XVI, ás margens do Paquequer. Ahi, a par da natureza opulenta e luxuriosa do bello affluente do Parabyba, nos seios das florestas virgens da America, sob um céu que escalda e faz o sangue galopar na arteria, no meio d'este panorama que desafia a imaginação do poeta e do artista, e onde o aborigena não encontra outro paradeiro a si mesmo senão sua propria vontade e suas superstições, vê-se destacar a casa de D. Antonio de Mariz, marco isolado do progresso europêo no centro do sertão, solar com resquícios de feudalismo, e por isso com todos os preconceitos herdados no berço. O homem civilizado e o homem selvagem estão frente a frente: Pery e D. Antonio; cada qual luta em generosidade e grandeza d'alma. Ambos esplendem; o portuguez é o digno representante da fidalguia do passado, a honra e a lealdade são a craveira de seu character; o indio é a natureza capaz de extremos, e para a qual a amizade reclama como condições essenciaes até o sacrificio da propria vida.

No *Guarany*, que traz por fundo os quadros selvaticos e sublimes de nossa natureza, a epocha está bem descripta em seus costumes e aspirações, n'estes combates incessantes e terriveis dos colonos e da raça vencida, no espirito inquieto e affeito dos aventureiros que tinham por unico alvo no Novo Mundo a cobiça das riquezas, sem trepidarem geralmente ante os meios de grandeal-as.

N'este romance, que póde competir com os melhores de Cooper, o festejado escriptor norte-americano, Alencar, não cin-

gindo a narrativa á personagens e factos historicos, sentio-se livre de peias e consequentemente a acção não como acontece nas *Minas de Prata*, vai discorrendo cheia de naturalidade, vida e movimento até o magistral desfecho, em que a scena da inundação resalta com tanta magestade e horror.

Defeitos os tem, sem eclipsarem as bellezas da obra.

Eis o que a respeito diz Innocencio da Silva :

« Alguns puristas desejarão que o illustre escriptor se mostrasse mais sobrio em sua narrativa, e mais cuidadoso do estylo, evitando a monotonia que ás vezes resulta da reproducção de imagens e situações analogas; porém todos concordão que na parte descriptiva emparelha com os melhores. »

O *Guarany* actualmente se acha traduzido em cinco linguas. O Dr. Antonio Scalvini tirou da traducção italiana o libretto para a opera de nosso insigne maestro Carlos Gomes.

Continúa.

IRIEMA.

FEITIÇO D'UNS BEIJUS

(ROMANCE)

XIV

O ENCONTRO ↴

Afinal veio uma ocasião de Josephina contemplar André de perto, a seu lado, de envolvê-lo n'um olhar apaixonado.

Foi assim.

O vendelhão e sua família quasi em todos os sabbados á tarde, pela estação calmosa, embarcavão n'um carro puxado por tres vigorosas juntas de bois, e ião descansar dos labores da semana na bella chacara que possuião no caminho do Mato Grosso.

N'uma esplendida madrugada, vamos encontrar Esperedião sentado á porta da casa, em mangas de camisa, com umas largas calças de chita, admirando o gado no curral, enquanto Pulcheria media os quartilhos de leite que um escravo lhe apresentava mungindo as vaccas.

Havia grandes bellezas no sitio, immensa poesia no panorama que desenrolava-se aos olhos, e, se no quadro da natureza se misturava alguma sombra de prozaismo negro, era a bambochata representada por Esperedião e sua insigne consorte.

Assim estavam a boa meia hora ; o marido montado n'uma cadeira com os braços cruzos sobre o espaldo, pensando talvez na utilidade do boi, e a mulher passando o leite da cuia para o quartilho e do quartilho para o boião, que chamariamos de igaçaba, se estivessemos hoje com a bôssa do americanismo disposta.

— Homem, disse Pulcheria, acercando-se, hoje vou fazer-te vir agua á bocca.

— Como?

— Adivinha, querido.

— Ora! Adivinhar!

— Adivinha, adivinha.

— Deixa-te d'isto, não sou o Hermann; falla...

— Vou ajudar-te, é...é...uma petisqueira.

— Uma petisqueira!?...uma...disse, reflectindo... Não posso, ha tantas coisas que se comem.

— Feita...

— Feita... Com que, mulher?

— Com leite.

— Com leite!? Hein, algumas papas?

— Qual!

— Com todos os diabos! não sei...

— Que cabeça! Uns requiçõs, querido.

— Vieste abrir-me o apetite; faz brejeirinha.

N'este comenos appareceu Josephina de volta do passeio ao campo, trazendo um ramallete de flores, e desfolhando um mal-me-quer com as sacramentaes palavras de todos os namorados: bem-me-quer, mal-me-quer, etc.

— O que fazes, Fifina?

— Estou vendo se elle me quer realmente.

— Elle! Quem?

— Zacharias, e um sorriso malicioso espanejou-se em sua boquinha rubra; porque pronunciar o nome de Zacharias, quando pensava em André era uma verdadeira derizão.

— Então muito te lembras d'elle?

— Não veem?

— E merce, não ha duvida, ajuntou Pulcheria. Quantas por ahi não estão ardendo que elle venha?

— Começando por mim, retorquio Josephina com o mesmo sorrir derramado em toda a physionomia.

Adiante irião, se o galopar d'um cavallo não lhes chamasse a attenção.

Voltarão-se.

A rapidez da corrida não deixava ver quem vinha.

O cavalleiro soffrêa o animal, salta em terra com incrível destreza.

Tres gritos partirão a um tempo:

— André!

— O moço ficou por instantes estatelado, mas immediatamente recobrando o habitual sangue frio, dirigio a palavra ao dono da casa:

— Senhor, não suppunha enconral-o aqui.

— Que deseja o senhor? interrogou Esperedião, tremulo por tristes recordações dos tempos idos.

— Não entrei aqui por mim. Ia para a capella em companhia d'um amigo. N'este momento acaba elle de rodar na porteira de sua chacara, quebrando uma perna; venho pedir auxilio para transportal-o para aqui, enquanto vou chamar um medico e avisar a sua familia do occorrido.

O taberneiro desejaria recusar, mas conhecendo-lhe desde muito o peso da manopla, só teve uma especie de sorriso complacente seguido d'estas palavras:

— Pois não, senhor. Onde ficou o doente?

— Na porteira.

Toda a casa pôz-se em movimento. O ferido foi transportado com todos os cuidados, pela influencia, digamos a verdade, de André, e não por sentimentos humanitarios.

Se André durante o colloquio, tivesse podido distrair um só olhar para Josephina, teria comprehendido quanta paixão ia-lhe por alma.

A fronte da gentil donzella parecia illuminada, radiava de entusiasmo, prazer e amor. Soffrera admiravel transfiguração em presença do moço, passava por divino deslumbramento. Pythoniza d'um grande sentimento, Josefina erguera-se em toda a sua magestade, envolvera o amante em seus olhares humidos a intimas effusões, voára ao infinito na aza de sublime arroubo!

Quando elle partio sem talvez olhal-a, pois varias e fundas preocupações lhe divergião o pensamento, ella correu ao quarto, sentio como o corpo espedaçado ao declinar do arrebatamento indizível, debruçou-se no leito e chorou, chorou sem oausa plauzível, como uma criança!

Depois a paixão terna e suave que a acalentára até então em mystica melancolia, em scismas cõr do céo, em sonhos de rosicler, tornou-se um incendio a dilatar-lhe os seios d'alma. Teve sede. Pensou em escrever a André.

— Póde uma mulher declarar-se a um homem? ponderou. Que importa! Censurem-me, o mundo inteiro devote-me odios, despreze-me... Vivo para André... Que importão-me os outros homens, se consigo seu amor!... Sim, hei de escrever-lhe. Quero que elle me ame. Meu Deus! Que felicidade, se eu puder inspirar-lhe o que elle me inspirou n'um só momento.

Havia em casa uma crioula, sua irmã collaça, e pertencente á herança de seus pais.

A crioula tornou-se sua confidente, e foi quem lhe servio fiel e intelligentemente nas embaixadas que o leitor já conhece.

TRATADO DE ALLIANÇA COM UM INFELIZ PILOTO

Estamos em começo do inverno. Esperedião poz a familia na chacara para assistirem a farinhaada. Josephina tem a carta prompta e a resolução tomada de envia-la. Esta resolução nascera com as relações que ella entabolára com Chico Caipóra.

Dois mezes antes, n'um bello dia de outomno, Chico, que não descurava suas plantas, fôra ao jardim, e aqui fincava uma estaca para erguer uma, cuja ramagem ou baraço cahia por terra, ali abrigava outra dos ardores da estação, e em outros lugares afugentava os insectos nocivos.

Afinal, todo cuberto de suor que porejava copiosamente, foi sentar-se n'um banco de madeira, á sombra d'uma latada de maracujás. Era meio-dia.

N'essa hora o ambiente peja-se de effluvios inebriantes, os perfumes das flores sóbem em cada raio de luz, os olhos como que veem os gazes athmosphericos tremem, a fronte sente vertigens, o pensamento libra-se entre a terra e os céos, em azas de chamma.

O homem não dorme e no entretanto sonha sob o dominio de extranha languidez: não vigila e todos os sentidos no entretanto estão em acção, o mundo externo reflecte-se em sua mente, quasi como a arvore na fonte, e o céo no mar: é o indefinito da percepção. A reflexão tem apenas uns longes de consciência.

Parece um intermedio entre a vida e a morte, o movimento e a paralyisia.

Quando o phenomeno attinge o auge, tudo em torno é impalpavel, fluctuante. A realidade apaga-se na phantasia e a phantasia apaga-se por seu turnô na realidade. Eis todo o seu desenvolvimento.

Francisco Vieira, com a cabeça mergulhada nas mãos, os braços descansados nos joelhos, as palpebras semi-cerradas e as pupillas fixas na janella do mirante de Josephina, percorreu toda a escala do phenomeno. Estava immovel como uma rocha. De repente no espaço que ia da casa de Esperedião ao ponto em que elle se achava, sobre as ondulações do ar começou a destacar uma fórma semelhante a flocos de paina ou neve que seguião as fluctuações da athmosphera. Aquella figura aerea, vaga e indecisa foi pouco a pouco se afastando de seu olhar e finalmente ficou em moldurada no quadro da janella.

Com a mesma lentidão assumio o vulto de uma moça, e... visão esplendida! Francisco Vieira teve ante si Ignezita palpitante de amor e pureza. Soltou um grito de admiração entusiastica. Sahio então do estado de torpor que o dominára por algum tempo. Desperto vio que uma linda donzella, em roupagens brancas, se retirava, ao tornar-se alvo de sua attenção Era Josephina, que votava estima ao bom velho, e levava horas a contemplal-o em seu mudo e innocente entretenimento.

Desde este momento, em que o influxo da hora ardente identificára a imagem de Ignezita e Josephina, Francisco Vieira tanto fez que poude por fim conversar com a moça a deshoras, e conhecendo seus sentimentos a respeito de André e o genio versatil d'este, tornou-se o seu melhor conselheiro.

Josephina contou o encontro que tivera na chacara com elle e manifestou a idéa de endereçar-lhe uma carta, o que elle approvou com a condição de guardar-se todo o sigillo.

XVI

BLUE DEVILS

Voltemos a André.

O que faz elle? Soffre horrivelmente.

Sahe á rua para distrahir-se, entra no theatro, na bailante, no Café da Fama; e o drama que se representa, a dansa com seu prestigio, o bilhar com suas carambolas, tudo aborrece-o, mata-o de tedio. Não vê n'um camarote a mulher que o prende e fascina, não encontra na quadrilha ou na valsa a peri mimosa de seus sonhos e considera o taca como um passatempo para quem não ama. Onde julgava achar diversão, depara materia para alimentar o spleen que o devora. Sahe furioso, desejando que alguem lhe pize n'um pé, dê-lhe um encontrão ou dirija-lhé alguma palavra offensiva, para ter assim uma pessoa em que possa derramar toda a bilis que lhe ferve no seio. Uma ou outra vez elle mesmo procura uma rixa e fica alliviado depois de distribuir e receber meia duzia de bengaladas.

Os amigos tornarão-se-lhe massantes porque nenhum falla a respeito de sua incognita, da mulher mysteriosa a quem ama perdidamente.

Entra em casa misanthropo.. Se o crioulo apparece, puxa-lhe as orclhas por crimes passados, presentes e futuros.

Em vão José protesta. Não ha meio de apazigual-o.

O seu terra-nova que se chama Lacroix por motivos que o leitor conhece, vem retouçar pelas pernas do senhor e sabe grunhindo com um enorme pontapé.

André está insuportavel. Quando senta-se á mesa e toma uma folha de papel, pennas e tinta, sempre tem queixas a pronunciar :

— Sangue de Deus! Que fabricantes estupidos! Talvez ve lhacos! Vendem para o Brazil o papel que não podem consumir em França. Até quando aturaremos o dominio estrangeiro na industria?! Malditos francezes! Especuladores sem consciencia!

Veção que pennas! E é trabalho do tão preconisado Mallat! Que o inferno o traga...

O' tinta infame! E' branca como agua!...

E se a blasphemia sóbe até o ultimo gráo da gamma de sua colera, papel, caneta e tinteiro vão rolar no soalho.

Quando não começa aqui, a questão se enceta ao fazer o primeiro verso.

Ahi vai uma d'estas scenas fielmente reproduzidas :

Entrou em casa taciturno como uma coruja ao resplender do sol. Senta-se á mesa de trabalho. Tomou da caneta e logo uma imprecção :

— Quando o Alves Leite deixará de arrematar alcades estrangeiros! Veção esta caneta!

Serenou e escreveu :

Imagem gentil...

Parou e passou os dedos pelos cabellos.

— Quem mandou-me fazer versos heroicos!? Onde irá o hemistichio? Ah!... E escreveu :

Imagem gentil, vem...

Novamente estacou.

— Vem... para que?... Com os diabos! Vá ao inferno a poesia!... José... José!... E despedaçou com raiva o que tinha escripto, lançando um olhar ameaçador para a segunda prateleira da estante, onde estavam as obras poeticas.

— Ah! exclamou e com a interjeição veio uma nova folha de papel, onde poz o verso inteiro :

Vem, imagem gentil, pois duras magoas...

— Que quer, nhonhô? gritou-lhe o crioulo aos ouvidos, sustando o éstro.

— O' demonio, quem chamou-te aqui?

E repetidas vezes sacudio-lhe as orelhas.

— O nhonô chamou-me!...

— Eu chamei-te, patife?! E renovou a dóse.

O crioulo escafedeu-se desfeito em prantos.

— Vejam ao que está sujeito um pobre poeta! Sofrer até a impertinencia d'um crioulo, que cala-se, quando o chamão e vem interromper o curso da inspiração, quando ninguem d'elle precisa!... Onde estavamos? Ah! e proseguio:

Vem, imagem gentil, pois duras magoas
Cingem-me o coração...

— Se houvesse uma cezura, ficava bem: Como a serpe...
Para que inventarão versos sem cezuras?! Ainda bem!
E acabou:

Cingem-me o coração, como as serpentes...

— E agora? Nunca estive menos poeta e tão estúpido como hoje! Foi aquelle crioulo!... Acabemos.
E encetou o terceiro heroico:

Que Laoconte...

Nova pausa durante a qual levou as mãos á cabeça e trouce-a com um punhado de cabellos.

— Miseravel comparação! Que tem Laoconte comigo? E demais é imagem corriqueira dos classicos! Mas o que encontro na media idade que me sirva? Como farci? Afinal!

E escreveu:

Que Laoconte nas aras investirão...

— E a rima como será? Vá: pungentes. A questão é encartal-a no fim do quarteto. Arranjemos mentalmente e pregou os olhos no tecto, murmurando phrases inintelligiveis.

Esteve assim por alguns segundos. Depois concluiu:

Dando-lhes mil mortes em dores pungentes

Leu toda a quadra em voz alta e reconheceu a horrivel dissonancia do verso ultimo.

— Para que ha de haver versos com cezuras? Exigente profissão a de poeta! Não lhe basta conhecer bem a lingua, é mistér saber pintar com fino colorido e imagens attrahentes, sob a fór-

ma fazer transparecer grandes ideias; dispor as palavras por meio d'uma escala musical. Não é tudo ainda, deve-se conhecer uma architectura que lhe é especial, para não sahir um monstro informe. Quem mandou-me deixar a *pilotagem*, sonho de meu pai? A poesia é peor que as mathematicas! Os Besoux, os Ottonis andão de roldão; os Homeros, os Camões são sorteados de dois em dois seculos. . . Mas errar o quarto héroico! Deixo tambem a poesia, Satanaz a leve! E' preciso um outro auto-dê-fé; vou dedicar-me á philosophia ou á medicina; sciencias em que podemos divagar francamente e crear novos systhemas; pela philosophia provar que o mundo não existe senão no pensamento do homem, que o proprio homem com todas as carnes, fibras e pellos é apenas uma ideia; pela medicina ganhar dinheiro do proximo, embora dando-lhe um passaporte para o outro mundo. Errar o quarto heroico! Como estão meus ouvidos que não defenderão a euphonia?! Parece impossivel, mas é real. Novo auto-dê-fé na segunda prateleira. José. . . José. . . Errar o quarto heroico! Vou ser advogado ou boticario; o estylo dos autos forenses é digno do homem abandonado para sempre das muzas, ou vou soccar drogas. . . Errar um verso tão desafortadamente! . . . José. . . José. . . Ah infame criçulo! E' assim. Quando o chamo, orelhas moucas!

De facto o crioulo não queria vir ao chamado, porque a primeira vez custára-lhe caro a promptidão. Fingia dormir.

André continuou:

— Meu pai é o culpado com as velleidades de ter um *piloto* na familia!

Melhor me fôra ser criador de gado e estancieiro. . . Que guapo gaúcho não se perdeu em mim? . . . Mas o patife do crioulo não quer enraivecer-me?! Tudo contra mim! A incognita, os amigos, os divertimentos, a cidade em peso, os versos e até José! De repente suicido-me. . . Este crioulo! . . .

Levantou-se, amarrotou a folha, onde estavam os quatro versos, tomou a vela e internou-se pela varanda.

José estava deitado com os olhos fechados, parecia dormir. André ergueu-o por um braço.

— Crioulo. . .

Este levantou a cabeça, esfregando os olhos.

— Nhonhô. . .?

— Não me ouviste chamar?

— Estava dormindo.

— Pois bem come estes versos para não dormires outra vez.

— Comer papel, nhonhô?

— Sim, no teu estomago hão de ficar certos. . .

— Mas. . .

— Come.

— Hi! Hi! Hi! E mesmo chorando mastigou e engulio a folha inteira com o infeliz quarteto.

Um colleiro que estava n'uma gaiola perto, vendo a luz, começou a trinar.

— Até os passarinhos alegrão-se, quando estou triste. Crioulo, amanhã não quero ver mais este colleiro, solta-o. Entendes?

— Sim, nhonhô.

André attingira ao mais britânico *spleen*. D'ahi voltou á sala, tomou o chapéo e sahio.

Na rua encontrou um amigo, que convidou-o a ceiar.

Era um estudante da academia militar.

Entrarão em casa.

O outro, quando o vio á luz, disse admirado :

— Que cara enfarruscada é esta?

— Estou furioso.

— Porque?

— Errei um verso.

— Como?

— Como? Ora! Errando.

— Qual foi o verso?

— Deixa ver, se me lembro. Ahi vai. Escuta bem. Vê se dás com a desharmonia :

Vem, imagem gentil, pois duras magoas
A meu enfermo coração cingirão,
Como as mythicas serpes iracundas
Que a Lac'onte nas aras investirão.

— Não noto quebra de euphonia.

— Como não notas?

— Francamente.

— Queres lisongear-me?

— Não sejas tolo. Lisongear-te, porque?

— E' tua opinião franca?

— Duvidas?

— Então o ultimo verso está certo?

— Parece.

— Erradissimo!

— Scrá, porque encubriste o defeito na recitação.

— Não é possível.

— Repete de novo.

Assim André o fez.

— Certissimo, respondeu o outro.

— Certissimo?! Entendes tanto de metrificacão como eu de zoologia.

— O que bebeste, André?

— O que bebi! rugio, dando um salto e tomando o chapéo. Acompanha-me e te ensinarei, ignorante, que te meço as costas com mais sciencia do que sabes medir versos.

O outro pensando que elle não se achava em estado normal, fechou-lhe a porta á cara, apenas o vio na calçada.

André voltou para a casa mais contrariado e abatido do que quando sahira.

No entretanto seu amigo tinha razão, pois o que elle recitára, não fôra o que tinha composto.

Apenas em casa, deitou-se e sentio vontade de chorar. Alfim as lagrimas rebenstarão em borbotões. Foi manná que cahio-lhe no deserto d'alma.

Uma mulher conseguira prender o homem que zombava de todos os laços que o amor pudéra armar.

Porque?

E' simples. O mysterio e os óbices são as causas mais poderosas de semelhante sentimento.

Continúa. ✕

IRIEMA.

PRELECCÃO

Com o mais vivo prazer registramos hoje nas paginas da *Revista*, a brilhante prelecção, sobre a *educação das mães de familia*, proferida no 6.º sarão do *Parthenon* pela distincta professora a Exm.ª Sr.ª D. Luciana de Abreu.

Adeptos de suas idéas, trahiriamos a causa, que com pobreza dos nossos recursos temos defendido, senão fizessemos ouvir ao longe a palavra authorisada da illustre rio-grandense, que elevando a tribuna do *Parthenon* com a sua presença, elevou-se a si e a mulher brasileira.

O que desejamos agora é que seu exemplo seja imitado; abreviaremos assim a obra do futuro, que vós, nobres filhas desta terra encantada da America, já começas a preparar sobre os vossos joelhos, e ao conchego de vossos seios, entre beijos e sorrisos.

E' insolito o meu comparecimento n'esta tribuna; a qualquer de vós vai parecer descommunal o meu arrojo, vindo até aqui dizer-vos algumas palavras acerca da educação da mulher; e de certo parece injustificado o procedimento que tenho, eu fraca mulher, ante tantas intelligencias esclarecidas, ante tão bellos talentos, vir expor a minha opinião, sem titulo algum que autorise a minha presença aqui.

Mas, senhores, nos banquetes de Aristipo, n'essa bella e illustrada Athenas, a par dos philosophos mais eminentes assentavãose as meigas filhas do lyceu e da academia, que, com admiração oihavão para o modesto e quasi divino Socrates.

E eu, senhores, considerando que a intelligencia não tem privilegios, nem titulos exclusivos, e que a palavra, essa poderosa

arma da civilização, não deve ser escasseada, ainda pelos mais obscuros, ousei, ainda que tremula ao dar os primeiros passos, vir até aqui certa de que seria bem recebida.

Meus senhores, trata-se de preparar a mulher para preencher a sublime missão que lhe foi confiada pela Providencia ; e tendes ouvido já d'esta tribuna palavras de animação e sentenciosos preceitos que sem duvida estão gravados no cofre perfumoso do vosso coração.

Aproveito n'este momento a occasião de render uma homenagem sincera ao *Parthenon Litterario* que com dedicação e sacrificio se tem occupado na grande obra do futuro, da educação da mãe de familia

Minhas senhoras, nós temos sido victimas dos prejuizos das preocupações do seculo ; nós temos sido olhadas como seres á parte na grande obra da regeneração social, quando sem nós impossivel seria á humanidade aperfeiçoar-se e progredir ; porque nós somos mãis e o primeiro e mais intimo vagido da infancia do homem recebemos o nós em nosso seio, dispensando-lhe os cuidados que são a nossa vigilia, as nossas lagrimas, as nossas dôres e alegrias, o nosso amor emfim.

Nós temos sido calumniadas, dizendo-se que somos incapazes dos grandes commettimentos, que somos de intelligencia fraca, de perspicacia mesquinha ; e que não devemos passar de seres caseiros, de meros instrumentos do prazer e das conveniencias do homem : quando o nosso ensino tem preparado os mais perfeitos heróes da humanidade ; e quando, á testa das nações, quer na cadeira, quer na officina modesta do operario, temos dado exemplos de assombrar os povos e os seculos !

Nós temos sido condemnadas á ignorancia, privadas dos direitos de cidadãos, e reduzidas á escravas dos caprichos politicos de legisladores imprevidentes e egoistas, quando beneficas espalhamos o bem-estar na vida intima social preparando o coração de nossos filhos para a virtude, e inspirando-lhes desde os primeiros dias o amor ardente pela liberdade e pelo progresso.

Haja vista, senhoras, a nação ingleza o progresso á que tem attingido ; e porque não veremos n'esse factó a nossa salutar influencia ?

Nem me objectem, senhoras, os vergonhosos excessos que dizem commetter as infimas mulheres inglezas no dia de exercer a mais nobre prerogativa do poder popular, isto é, o voto. A isso vos responderia eu com o que se dá entre nós n'essas occasiões ; e então não são as mulheres, os entes quasi despreziveis, são homens pela mór parte intelligentes e instruidos, que se aproveitam da miseravel educação que em geral, homens e mulheres — recebemos em um paiz como o nosso, onde se ensina tudo, menos o

que valem a dignidade pessoal e os interesses da patria considerados herança commum de todos nós.

Perdoai-me, senhoras, esta digressão ; perdoai-me que eu pouco abusarei da vossa complacente attenção.

Nós temos sido injuriadas atrozmente ainda, atirando-se-nos o baldão injusto de inconstantes e desrespeitadoras de nossos deveres e de incapazes das grandes acções, quando vivemos a vida do amor no estado de filha, de abnegação no de esposa, e das dôres profundas no de mãe. Chamão-nos borboletas, dão-nos epithetos ligeiros, quando devião considerar-nos martyres no eterno Golgotha da vida social.

Entretanto, na apreciação da virtude das mulheres, põe-se em relevo a injustiça dos homens.

Aquelles, que para o seu sexo levão a longanimidade a um ponto apenas concebivel, para o sexo debil levão a exigencia até o ridiculo da exaggeração.

A virtude é uma. senhores, uma deve ser em ambos os sexos.

Se no paraizo houve uma Eva, tambem em Nazareth houve uma Maria : se as Helenas e Cleopatras existirão, o mundo admirou as Joannas d'Arc, e as Izabeis de Castella.

Para seduzir uma Eva houve no principio do mundo uma serpente ; hoje, para cada Eva seduzivel ha um mundo de serpentes. Contra essa multidão de reptis que se arrastão pelos pavimentos de marmore e pelas alcatifas de velludo, só ha um recurso : a boa educação.

A pobre creatura que apenas sabe vestir-se e adornar-se para agradar porque se lhe não ensinou mais, cre em qualquer farçante que a lisongea e lavra talvez a sua propria perdição. E quem poderá censural-a com justiça?

Se a educação entre nós chegasse ao ponto onde devera chegar, scrião os pais os primeiros confidentes de suas filhas, não seria essa honra reservada á escravas interesseiras e inimigas.

São vulneraveis, eu confesso, os defeitos que nos fazem ter as preoccupações do mundo, a insufficiente edncação que recebemos, o estado excepcional em que nos collocão ; pôde alguma de nós ser frivola até o ridiculo, ou descuidada até a sordideza ; pôde alguma de nós ser pretenciosa até o fôfo orgulho, ou submissa até a baixeza do cervilismo : pôde ainda ser perversa e abominavel até o que ha de mais hediondo nos instinctos humanos ; concedo : mas, até quando ha de querer-se que sejamos anjos lançando-se nos do céu da luz, da instrucção, e de nossa verdadeira posição ?

Quererão que sejamos instruidas e sabias, fechando-nos as academias, os porticos dos templos da sciencia ?

Quererão que sejamos todas immaculadas, quando a mocidade masculina se perverte impunemente logo nos primeiros annos,

desde que abandonando o seio de suas mãis, vai para o dominio dos pais?

Quererão de nós os grandes commettimentos, as emprezas arrojadas, quando se incumbem de pensar por nós e vedão-nos todos os meios, quer materiaes, quer politicos ou moraes?

Nós não somos menores ao homem: a nossa alma tem a mesma passividade e actividade que a d'elle, e tanto a sensibilidade como a intelligencia e liberdade participão do mesmo grão de capacidade e podem ter o mesmo grão de desenvolvimento n'um ou n'outro sexo.

O que convem pedir, o que venho aqui em vosso nome altamente reclamar, é, de parceria com a educação, a instrucção superior commum a ambos os sexos; é a liberdade de esclarecer-nos, de exercer as profissões a que as nossas aptidões nos levarem.

Dêem-nos educação e instrucção: nós faremos o mais. A nossa posição legitima na sublime missão de que estamos incumbidas, nós a tomaremos pelo nosso trabalho, e a humanidade ha de tudo ganhar com o nosso triumpho.

Permitti-me, senhoras, que termine fazendo-vos um appello, que será a nossa profissão de fé.

E' preciso que a mulher se compenetre do importante papel que lhe está confiado, que faça mesmo lembrar ao homem que se elle é o rei da creação, ella é a legitima rainha.

Longe de nós os vicios que, pela nossa educação frivola, tem algumas vezes dado pretexto aos nossos detractores: longe de nós a mentira, a dissimulação, o amor do luxo, da vaidade e da impostura. Não desprezemos o estudo, o silencio de nosso gabinete, nem o berço de nosso filhinho pelo turbilhão louco da valsa, nem pelo canto da sereia que se chama — Moda — e que muitas vezes em um só dia consome o laborioso trabalho de nossos pais, o suor de nossos maridos, o futuro, e não poucas vezes a honra de nossas familias.

Então, quando ouvirmos fallar a um d'estes, bradaremos com energia:

Vós, que rebaixastes a dignidade da mulher, que a considerastes como um ser quasi desprezivel, vinde! Eu vos chamo a juizo no tribunal de vossa propria razão.

O ser que vilipendiaes deu a vida a vossos heróes e a vossos sabios!

Os Alexandres e Napoleões, os Homeros e Camões quando cruzarão a perigosa quadra da infancia forão alimentados com o succo precioso dos peitos de uma mulher, seus primeiros passos forão por ella guiados, suas inspirações forão n'ella colhidas.

Recordai-vos vós mesmos: quem vos ensinou a balbuciar as

primeiras palavras, quem modulou esse instrumento ingrato, que hoje contra ella voltais?

E os primeiros sons que soltastes não foi ainda um hymno dirigido á rainha dos anjos?

Podeis mostrar-nos algum dos quadros que representão a grande historia da humanidade, sem que appareça a mulher?

Na entrada do mundo antigo vereis Eva, a mãe do genero humano, a autora do grande cataclysmo do Edem.

Na entrada do mundo moderno, Maria mãe na graça. bemdita, immaculada co-redemptora do genero humano.

Em todos os magnificos successos do antigo e moderno mundo ver-nos-heis sempre exercendo alto poderio nos destinos dos povos e na ventura das nações.

Negaste-nos o direito de legislar; mas desde a abolição da lei salica, concedeste-nos o direito de dar a lei aos legisladores.

Negaste-nos o direito de obter cargos e honras, entretanto deixaste-nos o direito de distribuil-as.

Fechaste-nos as portas da sciencia; mas nunca podereis privar-nos de avassalar os sabios e os heróes com os recursos de vosso engenho.

~~Em~~ conclusão, senhoras, nós apparentemente os vencidos, somos na realidade os vencedores.

LUCIANA DE ABREU.

Porto Alegre — 1873.

AURELIA

ACTO IV

QUADRO SEXTO

Uma saleta com os mesmos moveis do 1.º acto. A' direita duas janellas; portas ao fundo e à esquerda.

SCENA I

Aurelia e Laura

AUR. (*reclinada sobre o sofá, tem entre as mãos um livro aberto.*)—E' impossivel, inteiramente impossivel! (*levantando-se*) Já nem sei o que leio, nem sei mais de mim! (*atira o livro sobre a mesa*).

LAU. (*baixo*)—Pobre senhora! vai ter uma noute como a passada!

AUR. (*comsigo e muito agitada*)—Foi talvez um sonho, uma visão... (*pausa*) Oh! não, não, era elle, era a sua voz, reconheci-a! Eras tu, sim, meu pai... Vejo-te ainda... com os braços estendidos para mim; teus gritos repercutem no fundo de minh'alma como uma voz do céu!... tua imagem veneranda acabrunhada pelo infortunio cerca-me por toda parte... Eras tu, pai; eu te vejo... Como tuas faces são lividas!... A desgraça

envelheceu-te... as lagrimas sulcarão tua fronte e vergas para a eternidade.

LAU. (*commovida*) — O que é isso, senhora? Porque se ha de ralar assim?

AUR. (*com delirio*)—E fui a causa de tuas dores... eu!?!... Oh! perdão, eu me ajoelho a teus pés, aqui me tens... olha bem para mim, pai... vê, as rozas de minhas faces tambem seccarão, meu halito é frio como um tumulo, meu coração é triste como um sudario! Olha a tua pobre filha... está prestes a succumbir... é amanhã talvez... tem soffrido demais!... Vem, meu pai, não tardes, eu quero morrer abraçada contigo, ouvindo de tua bocca o perdão de uma culpa, que me tem custado uma vida de lagrimas! (*Ouve-se uma trovoadá longinqua.*)

LAU. — Jesus! que fuzil! (*dirigindo-se a Aurelia*) A senhora não quer tomar chá?... Outro fuzil! Santa Barbara!

AUR.—Não, não quero nada; vai ver meu filho se dorme, vai, deixa-me.

LAU. — A senhora porque não se deita? Não dormiu a noute passada...

AUR. (*com agitação*) — Dormir, quando se tem á cabeceira um ~~phantasma~~ que nos diz a cada instante: — vela; é teu destino... eu sou o mundo que esmaga o teu amor; eu sou a sociedade que se levanta entre ti e elle como uma barreira insuperavel; eu sou o teu algoz, serás uma victima certa; eu sou a vergonha, seguirei teus passos como uma sombra!... (*Abrindo uma das janellas*) O' Deus! aqui dentro ha uma tempestade tão grande como esta que se desencadeia agora ao teu aceno!... (*Ouve-se um trovão mais forte*) E' maior ainda, é eterna!... no fundo de minh'alma não raiará jamais o iris da bonança... tacteo nas trevas de uma existencia atribulada... nem uma esperanza, nem uma luz de salvação!... (*Gritando com desespero*) Estou doida, doida, sim; nem sei o que digo... não sei mais o que penso! Onde está meu filho, onde está elle... tragam-m'o, depressa!... (*Corre ao quarto e traz o filho no collo.*)

LAU. — Meu Deus! o que será isto?!

AUR. — Filho, tua mãe não soube o que disse!... (*Beijando-o repetidas vezes*) Deus, esquece as minhas palavras... perdôa!... misericordia! (*Deita o filho no sofá e fica ao lado d'elle pensativa.*)

SCENA II

Os mesmos e Helena

HEL. — Puf! estou molhada até a medulla dos ossos; a chuva apanhou-me de sopetão. Sabes donde venho? Não sabes. (*Pausa*) Ai, minha rica, acabas idiota irremissivelmente... Tenho pena de ti. Em quanto choras, divertem-se á tua custa. Liberta-te, filha; corta os cilícios que te roxeam as carnes; vingate como eu, d'esta sociedade madrasta e inexoravel que não comprehende as tuas dores; levanta-te mais alto do que este mundo que nos cospe impunemente ás faces... Vamos; não te condemnes a um supplicio inglorio... Olha-te n'aquelle espelho: és ainda muito bella; se quizeses, poderias ser a primeira cortezá.

AUR. — Se não posso ser das primeiras mãis, não quero parecer-me com as ultimas... Vai, Helena; eu agradeço os teus conselhos... Detesto este mundo hypocrita; odeio-o; mas não permitta Deus que para vingar-me, seja mister descer até o ultimo degráo do vicio... Quando meu filho perguntar um dia por mim, ninguém lhe dirá estou certa: procura o nome de tua mãe no registro da policia...

HEL. — Magnifico! (*Solta uma risada*) Deves entrar quanto antes para um convento... Santa Thereza em seus dias... ah! ah! ah!

AUR. — Quando á pouco disceste que tinhas pena de mim, eu pensava se não era eu que devia lastimar-te. Que caminho errado segues tu!... Onde vais ter, Helena? Julgas que a mocidade não termina e esqueces que ao lado do teu alcaçar ha um hospital, o gabinete, onde se retalhão os cadaveres dos que não tiverão um parente, um amigo, uma affeição sequer! Não rias, Helena... chora antes sobre as tuas culpas como eu tenho chorado sobre as minhas... As lagrimas consolão e purificação; só ellas podem salvar-nos, á nós infortunadas creaturas, perseguidas, vilipendiadas por essa sociedade inclemente e beata, que á luz do dia volta-nos as costas e nas sombras da noute mancha o joelho no capacho de nossas portas!... E's moça, Helena; és bella; porém a mocidade como a belleza tem o seu occaso, e depois... amanhã, quando as faces se desbotão, quando os olhos perdem o brilho dos vinte annos... depois, quando o mundo esquecer-te... ai de ti, Helena, ai d'aquellas que quizerão vingar-se e morrem victimas... que quizerão triumphar e expirão vencidas no abandono!

HEL. — Antes que chegue esse dia, tenho muito a fazer... A morte pouco me assusta: para morrer basta uma pistola ou... um amor como o teu!

LAU. — Estão batendo, ouvi bater.

AUR. — Vai ver quem é. (*Laura sai e volta logo.*)

LAU. — Querem falar á senhora.

AUR. — Quem?

LAU. — É um homem mal trajado... não conheço.

HEL. — Adeusinho, filha; hei de ver se aceito os teus conselhos, vou pensar. Boa noute. (*Sae.*)

SCENA III

As mesmas menos Helena

AUR. — Manda entrar quem quer que seja.

LAU. (*sae trazendo uma carta*). — Já não está; mas encontrei esta carta.

AUR. — Dá-m'a. (*Lendo o sobrescripto*) É para mim. Deixa-me só. Olha, Laura, vai deitar meu filho, coitadinho! (*Laura obedece e retira-se.*)

SCENA IV

Aurclia, só

AUR. — Uma carta e a esta hora... que mysterio! Porque me pulsa o coração com tanta força? O que presente elle? Seja o que fôr. (*Abre a carta e lê em voz alta.*) «Chegado hoje á esta côrte, soube das aventuras de meu sobrinho com a senhora, e, permitta que lhe diga, o seu procedimento denuncia um coração perverso. (*Pausa*) O' eu aceito tudo, meu Deus! (*Commovida*) Vejamos o resto... «Sei que se lhe mettu na cabeça a idéa de esposar... (*Com vehemencia*) Cobardes, como calumnião! (*Cae sobre o sofá desfazendo-se em lagrimas.*)

SCENA V

Aurelia e Alberto

ALB. (*da porta*). — Que terá ella?! (*com ternura*) Porque choras assim, ó anjo de minh'alma? Que tens? Mais algumas affrontas lançadas ao teu martyrio, mais baldões ás tuas agonias?!... O' querida, partamos d'esta terra, fuçamos para sempre d'aqui; vamos para bem longe... iremos todos, teu filho e minha mãe, minha mãe que póde ser tua tambem sem envergonhar-se!... Vamos, Aurelia, este amor que te voto será a consagração de tuas angustias!... refugiemo-nos n'um retiro, lá onde as brisas rumorejão os hymnos da natureza e a imagem de Deus povôa os vargedos infindos!... Vamos... Deus será o nosso confidente... o amor a rede de nossos sonhos!... (*pausa*) Não chores, não chores!...

AUR. (*com doçura*). — Não faça caso... as mulheres costumão chorar por qualquer cousa... (*guardando a carta no seio*) Eu estou cravando agora um espinho no meu seio... estou sim... mas já não dóe... (*rindo*) Quando dou para chorar... isto em mim é já um achaque... rio-me ao depois das minhas criancices... Como não hei de rir-me de mim?! (*pausa*) Não hei de chorar mais, não vale a pena, este mundo é uma comedia... Pois não é? (*com vehemencia*) Não, não é uma comedia, é um drama lutuoso, sanguinolento, medonho, infernal!! (*com desalento*) Dê-me a sua mão, Alberto, dê-m'a... este é o ultimo adeus, o adeus de despedida, o adeus que nos separa em vida para sempre...

ALB. — Que dizes, Aurelia?!... Ou eu não te comprehendo ou...

AUR. — Digo-lhe que, quando um de nós tiver morrido, começará então a esperança de um e as saudades de outro... Até lá, Alberto, até o dia em que nos encontrarmos n'outro mundo! (*Em acto de sair.*)

ALB. (*com desespero*) — Dá-me essa carta que tens abi no seio... Que carta é esta, Aurelia? Disseste que era um espinho...

AUR. — E' o fecho do sacrario de nosso amor na terra; será a chave de nosso éden no céu!

(*Alberto e Aurelia voltão os olhares para o fundo como se presentissem passos. Marçal quasi exausto de forças apparece no meio da porta.*)

SCENA VI

Aurelia, Alberto e Marçal

AUR. (*no auge da alegria*) Meu pai, meu pai!! Eu bem dizia que eras tu!... (*atira-se-lhe nos braços: Marçal quer fallar e'não póde*).

ALB. — Elle!!

MAR. (*com explosão*).—Que alegria, que alegria!... Deus ouviu as minhas orações!... Eu te bendigo, Senhor (*Pausa*) Mas o que é que eu sinto!... o que é isto!?... Minha vista se escurece... não vejo nada...

AUR.)*com desespero*) — Pai!?

MAR. (*com a voz suffocada*) — Abraça-me, filha, abraça-me, que estou mais perto de Deus que de ti!... (*Alberto o ampara*).

AUR. (*fôra de si*) — Que diz, meu pai?!... Não me enlouqueça!

MAR. (*desfallecendo sobre o sofá*) — Agora posso morrer... posso... sou feliz... sou... (*expira*).

AUR. (*abraçando-se com o pai*) — Morto! morto!!... ● não! Os meus beijos te hão de aquecer, pai; não morrerás, não estás morto!

ALB. — A alegria matou-o!...

AUR. (*alucinada*) — Deus! Deus! que queres fazer agora de mim?! (*ajoelhando junto ao cadaver de Marçal*) O teu sudario, meu pai, será o meu Golgotha; os braços de meu filho a minha cruz de resignação.

FIM DO DRAMA

T R E V A S

I

A noite é tenebrosa. No oceano
Erguem as ondas o espumante dorso
Do vento ao sibillar.
As náos expostas ao furor insano
Tentão ainda um derradeiro esforço...
E afundão-se no mar!

No céu — nem uma estrella de esperança,
Que dê conforto ao naufrago, que luta
Por sobre os escarcéos.
E o peito extenuado arqueja e cança...
E a alma de blasphemias impolluta,
Maldiz então de Deos!

II

Da vida no oceano tormentoso
Eu vi sumirem-se illuões tão bellas
No seu desabrochar.
Erão náos de um futuro esperançoso
Impellidas do vento das procellas
Aos abysmos do mar!

Errante como o naufrago sem norte,
Na insania de um viver, que não é vida,
Percorro árido chão ;
Sem uma estrella presidindo á sorte,
Derramando na fronte entristecida
O rútilo clarão !

III

O frio da angustia me enregela a fronte...
Um só raio de luz e de conforto
Alentar-me não vem !
Debalde o olhar se perde no horizonte,
D'entre as caligens procurando um porto
Nas amplidões d'além !

Agora, ao fenecer d'uma esperança,
Ultima taboa, que nas mãos sustinha,
Por sobre os escaurceos,
A alma extenuada arqueja e cança...
Mas n'esta solidão, que me definha,
Não te maldiz, ó Deus! ~

DAMASCENO VIEIRA.

Porto Alegre. Dezembro de 1873.

CANTO À CYTHARA

Os evos que lá forão não me é dado
Co' a vista devassar, nem prescrutora
Os penetraes passar da eternidade ;
Na contingencia humana aqui retida
Embora a mente me desperte o echo
De antigos tempos, de um passado longo,
Não subo alada no clangor da gloria,
Entre os festivos sons de um povo grande,
P'ra seus feitos cantar. Tu me recordas
Altivo « Parthenon », das outras eras,
De um nobre povo, da montanha erguida
Da soberba Acropóle, a magestade.
Dizes-me à mente mil triumphos bellos
Das sciencias, das letras, da poesia ;
Mas pesa por demais n'alma dos povos
Quantos erros medonhos apagarão
Essas paginas d'ouro conservadas
No opistódomo da real morada
Da Olympia deusa, que a sciencia guarda,
E de que apenas resta a historia, o nome.
Tu quizeste avivar memorias mortas,
Mas não podeste reviver um povo
Que era o echo fecundo do Oriente,
Depositaria do saber dos Magos,
E que de Orpheus a tradicção egypcia
Recebendo legou aos outros povos.
Parthenon, templo augusto de Minerva,
Por que não déste na vetusta fronte
O nome dos heróes que tanto honrarão
Os teus altares com premissas graves ?
Não estavam comtigo associados

Os nomes de Platão, Socrates, Zeno,
De Homero e Xenophonte, Bias, Sapho ?
Quando fostes coherente arremessando-os
Além de Lethes, na tartarea estancia ?
Podes justificar acaso o facto
De ver-se o « indio » no frontão altivo
Do transportado templo do Acropole ;
E alguns nomes da ignorada historia
Occupando na mente do futuro,
Lugar distincto que pertence ao sabio ?
Pesava-te demais glorias tamanhas ?
Não tinhas por ventura a força, o genio
Da nova Athenas que roçou fagueira
No arrojado intento de teus filhos ?
Deixemo-nos, porém, do erro passado
Ainda mesmo assim, com a veste nova,
Co' o emprestado atavio que te arrêa,
Saúdo-te, romeiro ; vás caminho
Pelas posteras sendas, nobre e serio
A sacração buscar de teus desejos.
Tu quizeste plantar a independencia,
Co' a livre discussão, do pensamento ;
A « escola livre, » a livre « academia »
De modo que não fosse o « privilegio »
Nem o diploma official sómente
Quem marcasse ao trabalho, ao estudo, ao merito
Devido galardão e recompensa.
Tu chamas á concurso os mais sabidos,
E vais dar-lhes os premios da sciencia.
Saúdo-te, romeiro, em teu caminho !
E antes de findar no tempo o prazo
D'uma olympiada, uma nova olympia
Tu vais tornar-te coroando os filhos
Da soberba Minerva em seus torneios ;
Será livre o estudo, e aqui as c'rôas
Nos teus altares se verão sagradas
Para a frente adornar dos vencedores,
Da multidão fremente entre os applausos.

Será n'esse festim da intelligencia
Que a fronte calma, candida, serena
Do grave — Bem-fazer — aqui surgindo
Te dirá com sorriso bondadoso
Quantas bençãos dos céos, os céos te mandão,
E memorando os feitos que traçaste
Na patria historia, mostrará ao mundo
Então felizes, de prazeres cheios
Os que da escravidão quebraste os ferros.

DR. VALLE CALDRE E FILHO.

Porto Alegre, 20 de Dezembro de 1873.

O GUAHYBA

Um dia solitario no deserto
Em meio da campina se estorcia
 Altivo e claro rio,
Em dorso caudoloso se estendia,
Té que a quilha veloce do progresso
 A sua porta abrio.

Em noite de luar brancas ondinas
 Travessas se agitavão,
E as garças mimosas do deserto
 Nas aguas se banhavão.

Por entre incultas mattas se lhe erguião
 Alcantilados montes,
E nos campos passava soberano
 Fitando os horisontes.

Tinha por leito a relva perfumosa
E por bafejo as auras do pampeiro
 Corridas dos palmares,
Por luzes tinha o facho do cruzeiro,
Tinha por manto o azul da immensidade
 E por coxim os mares.

Nas margens emi cabana de sapé
 Dormia o Minuano,
E o Charrua na fralda da cochilha
 Vivia em doce engano.

No lago como languida Odalisca
 Aqui e mais além . .
Matizadas de flores odorentes
 As ilhas se mantem.

No manto do passado se envolvião
Os evos d'essas glorias da natura
 Que a mente inebriou ;
Porém Colombo em sonhos de ventura
Singrando pelas ondas d'oceano
 As sombras dissipou.

E então toda orgulhosa
Recostada sobre a riba
Do meu formoso Gualyba
Uma cidade se ergueu,

Tendo as fimbrias no horizonte,
Por sentinella alto monte,
Os campos por leito seu.

Aqui não bramem as vagas
Nem rugem forte as formentas,
As madrugadas se arruino
De neblinas alvacentas.
Do Gualhyba immensas margens,
Qual jardim inebriante...
Quando em noite de aguaceiro
Sopra mais rijo o pampeiro,
Dão abrigo ao viandante.

Como vanguarda do norte
Altivo corre o Amazonas
Espadanando suas aguas,
Percorrendo immensas zonas !
E cá nas raias do sul
Corre por entre os palmares
O rio de nossos lares,
A' sombra d'um céu azul.

Se a brilhante Guanabara
O leito de rosas tem,
O meu travesso Gualhyba
Tem mil primores tambem ;
Tem d'aurora os resplendores,
E nas suas aguas de prata
A lua a face retrata
Envolvida nos pallares !

AUGUSTO TORTA.

CURRUIRA

Como cantas, avesinha,
Saúdando a primavera:
Ou na luz que reverbera,
Ou na sôr a despontar!
Como soltas doces trillos
Palpitantes de candura
Entre as pompas da natura
Que começa a vicejar!

Auzentou-se o minuano
Nas coxilhas d'esta riba,
E dos seios do Guahyba
Foge terno murmurar.
Que mysterios corre o mundo!
Córa a folha ao sol que a beija,
Treme á brisa que a bafeja
Um segredo a cochichar!

Bella quadra! Bellos sonhos!
~~Na um minno em toda a terra!~~
Tudo vive: — o prado e a serra!
Tudo canta: — os céos e o mar!
Solta pois, ó curruira,
Teus accentos de alegria...
Nasce a aurora, é dia, é dia,
Canta á porta de meu lar.

Quero ouvir-te, que derramas
Não sei mesmo que bonança,
Como um riso de criança
Na boquinha a s'esboçar;
Como em noite estiva e calma,
Sob a copa do arvoredo,
No tranquillo arroio, a medo,
Doce restea do luar.

Se a açucena, cuja alvura
Escurece a mosselina,
Conseguisse á luz divina
N'outro ser se transformar;
Se tivesse voz e plumas,
Percorrendo o céu da vida,
Pelo amor estremecida,
Não teria outro cantar.

Como cantas, avesinha!
Sabiás e gaturamos
Da floresta entre os recamos
Nunca podem te igualar.
São poetas, — tem poemas...
Tu — os cantos da menina
A cruzar pela campina
Sem as sombras d'um pezar.

IRIEMA.

CHRONICA

Terminã'a directoria do *Parthenon* este anno, deixando após si um rastro luminoso, que importa nada menos que a fundação do edificio para as suas sessões, o qual se acha já em começo. A comissão procura estudar os meios para proseguir com proveito a obra.

— A *Revista* tem regularmente sido publicada e pôde dizer-se que os seus dignos directores tem ido além da expectativa, n'um paiz em que as publicações litterarias lutão sempre com muitas difficuldades.

A galeria dos retratos dos homens illustres da provincia tem sido enriquecida com vultos condignos da consideração da patria. Fôra justo que o bafejo popular não a abandonasse, tanto mais quando ella vai proseguir seus trabalhos, dando no mez de Janeiro o retrato de um dos mais illustres rio-grandenses nas artes e nas lettras, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre.

— A instrucção publica entre nós vai começando a ser estudada com proveito e em breve, é provavel, que esse ramo de administração deixe de ser uma sinecura de partidarios, para tornar-se um sacerdocio digno, confiado ás mais importantes intelligencias da provincia. Falla-se em estabelecer conferencias e o *Parthenon* tem sido feliz n'este commettimento liberal e progressista, pois tem exhibido seus talentos e dotes oratorios, alguns parthenonistas com muita vantagem, apresentando-se ultimamente na tribuna uma mulher, que sorprehendeu realmente o auditorio; falla-se em aulas nocturnas, que podem trazer ás classes menos favorecidas d'entre nós, os proveitos que têm colhido outros povos; e ultimamente já tem corrido no espirito publico a ideia de educar os escravos de um e outro sexo, que vão entrando para o seio da população livre.

A ideia das aulas municipaes que póde estar na mente dos povos que se governão pelas instituições municipaes ou dos commicios (communa) não tem razão de ser entre nós, onde o pacto fundamental do imperio dá ao *Estado* a obrigação de fornecer gratuitamente a instrucção ao povo. E' por isso que nos pronunciamos desde logo contra um pensamento anti-liberal, que arranca ao governo *obrigações*, deixando-lhe o *direito* em toda a sua latidão. E' da natureza dos governos afastar de si a responsabilidade, apoderando-se de todo o arbitrio: a ideia das aulas municipaes conduziria o nosso governo a este desideratum tão almejado. Nós pensamos que a communa só deve tomar a responsabilidade em materia d'esta ordem, quando a administração dos povos fôr sua.

— Um grande acontecimento, sobretudo para as glorias do *Parthenon*, veio agitar a cidade e commover os corações entusiastas das distinctas senhoras que compõem a sociedade d'ella.

D. Luciana de Abreu, joven professora publica do 3º districto, que ainda hontem era uma menina que frequentava a *escola regia* e que quasi desvalida lutava por esclarecer o seu espirito, atravessando a *escola normal* com muita distincção, subio á tribuna para tratar da necessidade da educação das mãis de familia. Foi um dia de verdadeiro triumpho para a preleccionista, e o *Parthenon* ouvindo a voz sympathica de uma mulher no mesmo lugar em que as intelligencias mais esclarecidas da associação se disputão as glorias do futuro, estremeceu de enthusiasmo, que repercutio em toda a cidade, produzindo no seio das familias um fremido de admiração, que vai traduzir-se no proximo sarão por uma ovação á feliz oradora.

Nós acompanhamos esse justo enthusiasmo, e, adeptos das ideias da oradora, desejamos que a instrucção superior seja effectivamente dada ao sexo amavel, onde estão as nossas mãis, irmãs e esposas, e que a sociedade em que vivemos seja digna do adiantamento moral, que elle nos promette.

A' D. Luciana de Abreu enviamos um sincero aperto de mão e uma palavra de admiração pelo seu bello talento e aptidões.

Não podemos deixar de notar a vivacidade e memoria que patenteou a joven D. Branca de Borba e Costa, filha do Sr. major Antonio Augusto da Costa recitando tambem da tribuna a poesia que publicamos n'este numero sob o titulo *Canto á Cythara*.

Os dignos directores da *Revista*, estabelecerão uma typographia propria, e vão editar sob o titulo — *Bibliotheca Rio-Grandense* dramas e romances da lavra dos rio-grandenses, que se tem dado com tanto proveito ás composições d'este genero em nossa futura terra.

Felicitamos os patrióticos editores pela iniciativa que tomão n'uma tão urgente necessidade, facilitando assim o desenvolvimento da litteratura nacional.

E' certo o consumo immenso que tem os livros em nosso paiz e era já tempo que a litteratura brazileira procurasse satisfazer a anciedade que temos da instrucção por meio do livro.

Lembrariamos, e cremos que não seremos desouvidos, aos dignos editores, uma ideia que teve Franklin na patria do progresso e é a composição de um *livro* para os lavradores (almanack agricola) enriquecido de noticias industriaes e de economia domestica. Se isto fizerem, terão além do louvor da patria, as bençãos do pai de familia, que as mandarã do seu lar humilde nas horas do descanso.

DR. VALLE CALDRE E FIAO.

Porto Alegre — Dezembro de 1873.

ERRATAS

A' pagina 524, linha 2ª, onde se lê: — *e consequentemente a acção não como acontece, etc.*, deve ler-se: — e consequentemente a acção não se precipita como acontece, etc., etc.

Na pagina 527, linha 1ª do periodo 3º, em lugar de — *capella* — leia-se: — Capella.

Idem 528, depois do capitulo XV, onde diz: — *Tratado de alliança com um infeliz piloto*, leia-se: — Tratado de alliança contra um infeliz piloto.

Idem 530, periodo 10º, linha 2ª, em vez de: — *Senta-se á mesa etc.*, leia-se: — Sentou-se á mesa, etc.